
Artigo de Pesquisa - Dossiê Trabalho, Subjetividades e Práticas Clínicas

**“Como se fosse uma Companhia de Mineração e nós fôssemos os mineiros”:
O estudo do pós-graduando como trabalho precarizado e não-reconhecido**

Ana Carolina Reis¹, Eduardo Pinto e Silva²

¹ <https://orcid.org/0000-0003-3453-4935/> TRABPOLIS/Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, Brasil.

² <https://orcid.org/0000-0002-6017-0779/> Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, Brasil.

Resumo

O escopo deste estudo é investigar como as atividades acadêmicas de pós-graduandos de uma instituição de pesquisa dita de excelência se entrelaçam com injunções paradoxais do mundo do trabalho, considerando as características globais e multifacetadas de suas práticas e seus enlaces com o setor privado. Na conjuntura de cortes e de desvalorização da ciência, as abordagens gerencialistas ganham destaque e os estudantes de pós-graduação passam a ser instrumentalizados para tamponar déficits e mitigar impactos do desinvestimento em pesquisa. A metodologia incluiu questionários sobre o perfil dos estudantes e análise de conteúdo de entrevistas semiestruturadas. A análise das entrevistas opera conceitos da Psicodinâmica do Trabalho e Psicossociologia e é articulada às contribuições do materialismo histórico-dialético sobre o contexto econômico-político, políticas educacionais e práticas universitárias. Os resultados revelam malversação do reconhecimento das atividades dos estudantes-pesquisadores e estreita relação dessas com o trabalho flexível, produtivo, intenso, precário e heterônomo, expressas em frases e/ou termos emblemáticos, tais como: “é como se fosse [a instituição de pesquisa] uma Companhia de Mineração e nós [pós-graduandos] fôssemos os mineiros”.

Palavras-chave: Trabalho, Estudantes, Pesquisadores, Academias e Institutos.

**It's like a Mining Company and we were the miners": the study of postgraduates
as precarious and unrecognized work**

Abstract

The study's scope is to investigate how the academic activities of postgraduate students from a presumably high-excellence research institution interlaces with paradoxical injunctions of

Submissão: 29/03/2024
Aceite: 21/06/2024
Editora Responsável: Denise Bessa Leda
Editora de Leiante: Natália Salm Loch
Editora Administrativa: Thamyris Pinheiro Maciel

Como citar este artigo: Reis, A. C., & Silva, E. P. (2024). “Como se fosse uma Companhia de Mineração e nós fôssemos os mineiros”: O estudo do pós-graduando como trabalho precarizado e não-reconhecido. *Revista Trabalho (En)Cena*, 9(Continuo), e024031. <https://doi.org/10.20873/2526-1487e024031>

the laboral world, considering a range of global and multifaceted characteristics of their practices and their enlaces with the private sector. In the backdrop of cuts and devaluation of science, the managerial approaches are highlighted and the postgraduate students comes to be instrumentalized to buffer deficits and mitigate the impacts from research divestments in Brazil. The data gathering included questionnaires about the students profile and semistructured interviews. The analysis of the interviews operates concepts of Psychodynamics of Work and Psychosociology and is articulated to the contributions of historical-dialectical materialism on the economic-political context, educational policies and university practices.. The results reveal a close relationship between the flexible, productive, intense, precarious and heteronomous work regime and the experiences and perceptions of the student-researchers about the research activity, expressed in their reports in phrases or emblematic terms such as the following, among others: “it’s like [the research institution] a Mining Company and we [the postgraduate students] are the miners”.

Keywords: Work, Students, Researchers, Academies and Institutes

As mudanças do mundo do trabalho, ensejadas pela reestruturação produtiva do capital, transição do modelo fordista-keynesiano para o pós-fordista (Heloani, 2003) e Reforma do Estado (Sguissardi & Silva Júnior, 2009), têm promovido relações laborais cada vez mais flexíveis e precarizadas, assim como alterações significativas na configuração funcional do Estado e da instituição universitária (Silva Júnior, 2017; Sacramento, 2019). Essa dinâmica de transformações socioinstitucionais e do universo laboral é composta por um fator importante a destacar: o processo de transição do Estado enquanto provedor de direitos para um papel voltado à regulação econômica (Dias Sobrinho, 2003; Santana, 2018). Tais características exercem influência direta na definição das prioridades de investimento em políticas públicas e, por extensão, nas políticas educacionais, trabalho e práticas nas universidades e institutos de pesquisa.

Diante da conjuntura marcada pelo agravamento da crise do sistema capitalista, refletida no panorama fiscal e, por conseguinte, refletindo nos contingenciamentos e sucessivos cortes realizados pelos governos federais nos últimos anos de verbas para a universidade e institutos de pesquisa, observa-se um cenário instável e preocupante para os agentes envolvidos na esfera da pós-graduação e na produção do conhecimento em sua totalidade. As situações de subtração de recursos têm funcionado como um mecanismo de estrangulamento do ecossistema de pesquisa, bem como do campo da educação superior, afetando tanto os processos de produção de conhecimento quanto as práticas laborais nesses ambientes. A crise de financiamento na educação superior e na ciência e tecnologia, analisadas em conjunto, emergem como crises interligadas ao cenário macro que, por seu turno, exacerbam os desafios para o avanço científico e o desenvolvimento nacional (Reis & Macário, 2018; Reis; Blundi & Silva, 2020).

Essas mudanças, enraizadas na crise do sistema capitalista e acentuadas pelas políticas governamentais ditas de austeridade, não apenas afetam os recursos disponíveis para pesquisa e educação, mas também impactam profundamente as estruturas de trabalho e a divisão de tarefas dentro das instituições acadêmicas. As atividades empreendidas no contexto da pós-graduação são, de maneira concreta, moldadas pelas mesmas diretrizes que regem o atual panorama do mundo do trabalho, refletindo, assim, as vicissitudes enfrentadas pela classe trabalhadora neste cenário contemporâneo (Antunes, 2007). Essa convergência se faz notar principalmente pela intensificação da concentração de capitais em determinadas instituições e pelo incentivo exacerbado à competição entre elas, as quais protagonizam uma incansável busca pela produção de conhecimento no país, imersas numa árdua disputa pela própria sobrevivência (Reis, 2015; Reis & Macário, 2018).

No bojo dessa dinâmica, observamos uma intensificação da precarização, com crescente flexibilização, terceirização e fragmentação das atividades laborais. Ainda, uma naturalização da busca de recursos às pesquisas junto ao setor privado, de modo a ensejar práticas de pesquisa subordinadas aos interesses empresariais e produtoras de conhecimentos comercializáveis e rentáveis (Silva Júnior, 2017; Sacramento, 2019). Essa dinâmica impõe novos desafios aos profissionais da área, comprometendo não apenas suas condições de trabalho, mas também a qualidade e a autonomia da produção científica e acadêmica. Nesse contexto, é inegável a posição emblemática que o pós-graduando assume nessas esferas, o que motivou um estudo mais aprofundado de investigação, de modo a compreender as nuances envolvidas nas suas atividades acadêmicas e cotidianas, sobretudo sob a perspectiva de sua materialidade, ao mesmo tempo considerando as implicações sobre sua subjetividade e os aspectos psicossociais.

O escopo do presente trabalho é o de investigar as formas como as atividades acadêmicas de pós-graduandos de uma instituição de pesquisa dita de excelência se entrelaçam às injunções paradoxais do mundo do trabalho (Gaulejac & Hanique, 2024; Gaulejac, 2007), considerando uma gama de características globais e multifacetadas de suas práticas e seus enlaces com o setor privado. Ele tem como base pesquisa de mestrado desenvolvida com estudantes de pós-graduação do Instituto Nacional de Pesquisa Espaciais - INPE (Reis, 2022).

A pesquisa desenvolveu-se no bojo de cortes, dismantelamento e negação da ciência (Reis, Blundi & Silva, 2020) ocorridas nos três primeiros anos do governo de Jair Bolsonaro (2019-2021). As formas gerencialistas e mercantis (Gaulejac, 2007) que já assumiam primazia no mundo do trabalho e nas instituições públicas foram então agudizadas e reconfiguradas. A

figura do pós-graduando foi progressivamente instrumentalizada para tamponar *déficits* decorrentes do esvaziamento de recursos à pesquisa. Assim, o trabalho intensificado na universidade e na pós-graduação, sob os imperativos do dito produtivismo acadêmico (Sguissardi & Silva Júnior, 2009) e da mercantilização da universidade pública (Sacramento, 2019), vem se refletindo nas formas de objetivação da atividade acadêmica dos pós-graduandos, caracterizada por condições e processos instáveis e precarizados.

Método

Os dados do estudo (Reis, 2022) foram coletados por meio de questionários sobre o perfil estudantil e entrevistas semiestruturadas. A análise do contexto institucional e das políticas educacionais foi realizada com base na perspectiva do materialismo histórico-dialético. Ao passo que os aspectos psicossociais dos pós-graduandos e de suas atividades enquanto estudantes-pesquisadores foram debatidos à luz dos conceitos da Psicodinâmica do Trabalho (Dejours, 2012; 2004; 1999) e da Psicossociologia (Gaulejac, 2007; Gaulejac & Hanique, 2024), respectiva e fundamentalmente, os de reconhecimento e injunções paradoxais. Tais perspectivas, em que pesem suas diferenças epistemológicas e de enfoques (Amado & Enriquez, 2011), abordam as relações entre o sujeito e as dimensões psicossociais e socioinstitucionais.

Consideramos que as distintas perspectivas denominadas “clínicas do trabalho”, apesar de suas especificidades de origens, filiações e focos de intervenção, apresentam “pressupostos compartilhados” (Bendassolli & Soboll, 2011). A atividade do sujeito é sempre considerada, quer seja no campo social mais amplo (Amado & Enriquez, 2011), quer seja no campo do trabalho (Dejours, 2012; 2004; Schwartz, 2011). Desse modo, argumentamos ser necessário, dado o escopo deste artigo, do objeto de nossa pesquisa e das perspectivas teóricas indicadas, reconhecer a interconexão entre os aspectos individuais, organizacionais e sociais do trabalho, e desses com a totalidade concreta e o contexto econômico e político.

Foram coletados 99 questionários e realizadas 8 entrevistas semiestruturadas. A amostra do estudo incluiu estudantes de pós-graduação de 4 de um total de 7 programas de pós-graduação do INPE, a maior parte deles considerados de excelência (3 programas com nota 6 e 1 com nota 7). A definição do critério de seleção dos programas se deu em função da apreensão da diversidade de notas (variavam de 4 a 7). No caso de empate de notas, para melhor delimitar a amostra, foi realizado sorteio. Foram selecionados os cursos de Sensoriamento Remoto (nota 7), Meteorologia (nota 6), Computação Aplicada (nota 5) e Engenharia e Tecnologia Espaciais (nota 4). Para preservar a identidade dos

estudantes-pesquisadores participantes, foram atribuídos nomes fictícios ao longo do trabalho. Vale ressaltar que o projeto de pesquisa foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética na instituição no qual ele foi desenvolvido.¹

Os questionários permitiram traçar o perfil da amostra dos estudantes em termos de gênero, idade, cor ou raça autodeclarada, modalidade da pós-graduação (mestrado ou doutorado), renda, situação funcional (bolsista; trabalho tempo integral; trabalho meio período; autônomo ou *freelancer*; desempregado) e escolaridade dos pais, assim como detectar, previamente às entrevistas, como os estudantes-pesquisadores avaliavam o atual contexto do trabalho acadêmico, as políticas de financiamento em ciência e tecnologia, os cortes de investimento em pesquisas e suas implicações à saúde. O questionário foi composto de 20 itens de perguntas fechadas, sendo 19 deles de escolha de alternativas e 1 item com 19 frases para indicar desde discordância total até concordância total (escala de *Likert* de 5 graus). Ao final do questionário havia campo para indicação de dados para contato, no caso de concordância em conceder entrevista semiestruturada.

As entrevistas semiestruturadas se distinguem das entrevistas estruturadas, de roteiro fixo, sequencial e invariável, e das entrevistas livres, nas quais há baixa interferência do pesquisador. Nelas há maior flexibilidade em comparação às estruturadas e uma tendência a maior interação e diálogo intersubjetivo pesquisador-sujeito da pesquisa em comparação às livres. Ademais permitem que sejam esclarecidos e aprofundados dados quantitativos obtidos por meio de questionários de perguntas fechadas, de modo a propiciar análises qualitativas e captar sentidos e significados, valores e crenças, expressos por sujeitos da pesquisa em suas narrativas e relatos (Minayo, 2007). Nas entrevistas semiestruturadas propostas na pesquisa se estabeleceu uma temática geral – As políticas de financiamento e as condições e efeitos do trabalho acadêmico na saúde e expectativas de pesquisadores estudantes de pós-graduação - e subtemas – Trajetória pessoal, escolar e acadêmica; Prazer e sofrimento na formação pessoal e nas atividades acadêmicas; Condições e relações de trabalho no desenvolvimento da pesquisa; Mobilização subjetiva, reconhecimento e estratégias frente adversidades; Percepções e expectativas sobre futuro. Se elencou 18 distintas possibilidades de formulação de perguntas relacionadas ao tema e subtemas, utilizadas conforme variâncias das dinâmica das entrevistas e das características atitudinais dos entrevistados.

¹ O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética no Parecer n. 4.438.856 O presente artigo é uma revisão modificada e bastante ampliada do Resumo expandido apresentado no “VII Congresso Brasileiro de Psicodinâmica do Trabalho”, na Universidade Federal Fluminense em 2023, sob o título “Como se fosse uma Companhia de Mineração e nós fôssemos os mineiros”: a trama de estudantes de pós-graduação e suas confluências com o mundo do trabalho” (Anais no prelo). A pesquisa de Mestrado, defendida em 2022, foi financiada pela CAPES, Processo n. 88887.502318/2020-00.

Com base na sistematização dos questionários foram selecionados 10 sujeitos para as entrevistas semiestruturadas, tendo sido realizadas entrevistas com 8 deles. A seleção ocorreu por meio de amostra intencional. Procurou-se garantir a diversidade dos entrevistados em termos proporcionais aos dos referidos dados de perfil verificados nas respostas aos questionários, tendo sido garantida 1 entrevista com estudante negro. Portanto, além da indicação da concordância e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido como condição prévia para a entrevista, procurou-se compor um grupo de entrevistados compatível ao perfil médio dos estudantes verificado nos dados do questionário.²

Os dados do questionário permitiram um mapeamento dos aspectos supracitados, cujo aprofundamento pôde ser obtido na análise de conteúdo das entrevistas semiestruturadas (Bardin, 1977). As entrevistas foram transcritas e submetidas preliminarmente a uma leitura flutuante, seguida de leitura sistematizada, tal como preconizado pelo método da análise de conteúdo. Ressalta-se, assim, que a pesquisa não seguiu a metodologia da Psicodinâmica do Trabalho ou da Psicossociologia, nem realizou observação das atividades dos estudantes. Mas valeu-se dos conceitos de tais perspectivas teóricas para as fases seguintes do método da análise de conteúdo das entrevistas: categorização-recategorização com base na leitura sistematizada; inferência; interpretação. Ademais, considerou-se a importância da atividade, quer seja como prática acadêmica dos estudantes com similitudes com a dinâmica do trabalho docente (Guizoni, Silva & Santos, 2024; Santos, 2022; Silva, 2019; Moraes, Ghizoni, Pinheiro & Silva, 2021; Silva, Guizoni & Cecchin, 2022), quer seja como conceito polissêmico presente nas distintas abordagens das clínicas do trabalho (Bendassolli & Soboll, 2011). Acrescentamos que o conceito de atividade é de natureza interdisciplinar, sendo particularmente relacionado ao conceito de reconhecimento e de suas relações com processos de saúde-doença e modelos de gestão e organização do trabalho pelas perspectivas da Psicodinâmica do Trabalho e da Clínica da Atividade (Silva, Deusdediti-Júnior & Batista, 2015).

No escopo da pesquisa (Reis, 2022, p.151), foram construídas quatro categorias de análise emergidas dos relatos e conteúdo das entrevistas semiestruturadas, devidamente cotejados com os dados do perfil estudantil e do perfil da instituição (INPE), a saber: Estudo

² Os dados obtidos pelos questionários indicaram que havia somente 3% de estudantes que se autodeclararam como de cor preta, tendo sido realizada a entrevista com 1 estudante negro para permitir dar voz a este segmento minoritário na instituição. Destacamos ainda que 71% desta amostra de estudantes eram bolsistas, 38% com renda per capita entre R\$ 1.000,00 e 2.000,00, 77% consideraram alto o nível de impacto das políticas de financiamento em ciência e tecnologia no cotidiano de trabalho e 28% indicaram país com escolaridade até o Ensino Médio (Reis, 2022, p.114-119). Tais dados nos indicam aspectos relevantes das condições socioeconômicas dos sujeitos da pesquisa e a importância crucial para eles dos recursos de financiamento de pesquisas.

como trabalho; Avaliação do contexto; Formas de internalização do contexto; Processos de saúde e adoecimento. Na Dissertação foram explicitadas as implicações psicossociais e de saúde da atividade acadêmica, configurada aos moldes do trabalho universitário mercantilizado, intensificado e precarizado. No presente artigo destacamos uma das categorias de análise construídas – Estudo como trabalho – de modo a circunscrever o objeto e problema da pesquisa ao objetivo delimitado deste artigo. Ao abordarmos o referido instituto de pesquisa e, sobretudo, as diversas facetas do trabalho acadêmico dos estudantes de pós-graduação nele desenvolvidas, procuramos indicar que o pós-graduando se constitui como figura central no cotidiano laboral e continuidade das pesquisas, paradoxalmente levadas à cabo em contexto econômico-político de crescente escassez e/ou corte de recursos financeiros.

O trabalho e a dinâmica acadêmico-universitária como determinantes da atividade do estudante-pesquisador

Ao considerarmos o trabalho acadêmico sob a ótica da atividade, quer seja em sua dimensão prática (polimorfa) ou conceitual (polissêmica; interdisciplinar), entramos em um terreno mais amplo e profundo do que o da mera alusão às energias dispendidas por pesquisadores e estudantes de pós-graduação. A atividade trabalho inclui aspectos visíveis e invisíveis (Schwartz, 2011). Tal observação também se faz presente na perspectiva dejouriana, quando se refere aos enigmas e dimensão clandestina do trabalho, situada aquém e além da tarefa prescrita, na qual o real do trabalho se coloca, colocando o sujeito diante tanto de possibilidades de inventividade e criatividade, como de impasses, restrições e gargalos de seu fluxo pulsional (Dejours, 2012; 2004a; Silva, Guizoni & Cecchin, 2022).

Com base nas contribuições da psicodinâmica do trabalho, as pesquisas relacionadas ao tema abordam a dimensão invisível do trabalho, ao analisar o par contraditório sofrimento-prazer na atividade da produção científica e um dos aspectos que mais tem preocupado aqueles que se voltam às questões da saúde mental universitária: o suicídio de estudantes (Silva, Guizoni & Cecchin, 2022). Elas apontam como principais fontes de sofrimento: a pressão pela produção científica, as dificuldades financeiras, autocobrança e sentimentos negativos quanto ao desempenho (Silva, Ghizoni & Cecchin, 2022, p.1). Tal nos remete, portanto, não somente ao aspecto desgastante de uma atividade, mas ao contexto no qual essa se constitui, que a molda, e não raro a engolfa, em torno de injunções paradoxais (Gaulejac, 2007) e frágeis possibilidades de transmutação do sofrimento em prazer pela mediação do reconhecimento (Dejours, 2004b; 2004c).

As injunções paradoxais impedem aquilo que exigem, estabelecem metas incompatíveis com condições reais de sua realização, ou ainda, tendem a demandar por qualidade em um universo laboral sob preceitos avaliativos que premiam hegemonicamente resultados quantitativos, quantificáveis, senão quase exclusivamente rentáveis (Gaulejac, 2007). São injunções que caracterizam o funcionalismo objetivista da ideologia gerencialista (Gaulejac, 2007, p.63). Há uma “fabricação de organizações paradoxantes” cuja determinação macro é a do próprio sistema societal, um sistema adoeedor, conceituado como “capitalismo paradoxante”, no qual se subsume a atividade de trabalho à contínua produção do mais-valor com cada vez menos recursos, ainda que procurando evitar, a todo custo, que seja explicitada ou contestada tal contradição (Gaulejac & Hanique, 2024, p.81).

O impedimento ao reconhecimento se relaciona ao paradoxo organizacional-societal que circunscreve a atividade laboral, pois o sentido do trabalho é ofuscado pelo *mister* do mais-dinheiro, sendo negado o espaço de participação do trabalhador na transformação dos aspectos patogênicos da gestão e organização do trabalho. A organização paradoxal é assim. Prega a flexibilidade e qualidade, conquanto pratica a rigidez e a quantofrenia (Gaulejac, 2007; Gaulejac & Hanique, 2024). Esse não-reconhecimento, relacionado ao invólucro invisível da atividade trabalho, foi denominado como “malversação do reconhecimento” na Tese de Ruza (2017) sobre o trabalho e subjetividade do professor da pós-graduação, conceito este retomado em trabalho subsequente, no qual se enfatizou que essa malversação se enlaça à teia da precarização e intensificação do trabalho (Silva & Ruza, 2018).

Ademais, a análise do trabalho não se restringe apenas ao contexto *stricto sensu* do emprego remunerado ou à lógica comercial; ela abrange todas as atividades humanas que envolvem esforço, intenção e significado (Schwartz, Adriano & Abderrahmane, 2008). Nesse sentido, o estudo e a pesquisa realizados no ambiente acadêmico por estudantes de pós-graduação podem ser considerados formas de trabalho. Ao adotar uma perspectiva da atividade no contexto do trabalho acadêmico, podemos enriquecer nossa compreensão dos processos envolvidos e, ao mesmo passo, abrir caminho para abordagens mais integradas para a formulação de ações mais assertivas em torno de práticas de proteção psicossocial.

Conforme apontam Schwartz, Adriano & Abderrahmane (2008, p.3), seria um reducionismo reduzir o conceito de trabalho à “prestação remunerada numa atividade mercantil”. Para além de sua “forma canônica circunscrita”, argumentam, “toda a atividade (de trabalho) é sempre já debate de normas” (Schwartz, Adriano & Abderrahmane, 2008, p.4). Os autores consideram que toda situação de trabalho apresenta dimensões singulares,

impossíveis de serem antecipadas ou estandardizadas, mais ainda, destacam que há “estudantes” com “outras culturas de trabalho”, “problemas” e “perspectivas”.

O trabalho vivo transcende a sequência de tarefas e energia despendida e se articula ao par contraditório alienação-emancipação (Dejours, 2012). Na perspectiva da Psicodinâmica do Trabalho, tal como na ergologia da clínica da atividade de Schwartz, Adriano & Abderrahmane (2008), também se enfatiza a distinção entre tarefa prescrita e atividade real do trabalho. Dejours (2004a) considera que há sempre uma dimensão enigmática, subversiva, clandestina e imprevista da prática laboral, suscetível a contraditórias relações entre sofrimento e prazer (Dejours, 2004b), assim como a impedimentos ou reapropriações de sentido (Dejours, 2004c). Ademais, práticas de gestão que envolvem a manipulação da subjetividade e ameaças aos trabalhadores (Heloani, 2003), implicam em formas de naturalização e/ou banalização do sofrimento psíquico no trabalho (Dejours, 1999).

Desse modo, ressaltamos que a atividade laboral é um campo complexo, no qual se entrelaçam aspectos físicos, mentais, organizacionais, políticos e socioinstitucionais. Logo, o trabalho pode ser instituído como um elemento por onde as demandas, as relações interpessoais e as prescrições do ambiente laboral se articulam, com possibilidade de afetar a saúde emocional e o bem-estar dos trabalhadores. E também desempenha um papel fundamental na existência humana, proporcionando não apenas meios de subsistência, mas também condições para a expressão da criatividade, inventividade, reconstrução de identidades e realização pessoal/social.

Da mesma forma, a pesquisa-estudo é governada por normas intersubjetivas que criam uma rede complexa de interdependência. Engajar-se na atividade de pesquisa implica em lidar com restrições de tempo e espaço, bem como compor uma organização do trabalho que envolve a divisão de tarefas e múltiplas formas de interações. Essas relações, por sua vez, exercem um impacto profundo e duradouro sobre o funcionamento psicológico dos pesquisadores, moldando suas percepções, motivações e experiências encarnadas. Assim, a atividade do estudo-pesquisa desempenha um papel essencial na estruturação da vida humana, influenciando não apenas os aspectos práticos e materiais, mas também os aspectos sociais e psicológicos do indivíduo, vivenciados no campo social e institucional.

Produzir ciência significa mergulhar profundamente nas complexidades das interações sociais que moldam as respectivas práticas de produção de conhecimento. Os pesquisadores estão constantemente confrontados com normas e diretrizes que delineiam não apenas o que estudam, mas também como se relacionam com o conhecimento. Essas regras moldam a maneira como apreendem o mundo, bem como a forma de se comportarem sobre ele. O

choque entre essas normas e a realidade apresentada gera tensões, fornecendo principalmente confrontações entre o prescrito e o real do trabalho.

Logo, é importante reconhecer que os estudantes de pós-graduação são sujeitos mergulhados na dinâmica multifacetada do trabalho acadêmico (Silva, 2020), que tal como os trabalhadores concursados (docentes; técnico-administrativos), enfrentam constrangimentos diários para alcançar seus objetivos acadêmicos (Sampaio, Catrib & Caldas, 2019). Em suma, o estudo não é apenas um processo de elaborar informações e sistematizar análises; é também navegar por um mar de expectativas e requisições, enquanto tenta-se moldar o próprio caminho em direção à apreensão do conhecimento concreto.=

A partir desse olhar que lançamos sobre o trabalho, nos afastamos da perspectiva que o assemelha a um conjunto de energias despendidas em nome de uma finalidade qualquer. Dentro desse pressuposto, antes de qualquer coisa, ele é um considerado um elemento central na vida humana, responsável por transformar a natureza ao mesmo tempo em que transforma a si mesmo, fato pelo qual confere uma indissociabilidade entre o trabalho e o sujeito que trabalha, o que podemos fazer uma alusão ao trabalho de fazer ciência e a figura do cientista (Reis, 2022, p. 152).

Tem sido bastante profícua e relativamente numerosa a produção de pesquisas e análises que enfocam a atividade de estudo-pesquisa como trabalho, com notável indicação dos aspectos nefastos à saúde, relacionada às características do trabalho precarizado, extensificado, intensificado e autointensificado. Perez, Brun & Rodrigues (2019), organizadoras de dossiê que abordou a saúde mental estudantil, nos permitem um mapeamento desta produção. Há uma série de trabalhos supramencionados que indicam a proximidade do estudo com o trabalho.

Ghizoni, Silva & Santos (2024), no artigo “*Atividade acadêmica enquanto trabalho: vivências de ‘prazer-sofrimento’ em universitários*” apontam para o sentimento de sobrecarga de estudantes submetidos a alta carga horária de estudos. Tanto o sofrimento como as possibilidades de prazer (convivência; ato de estudar; relações interpessoais afetivas) são relacionados à organização do trabalho, ou melhor, apontados como indissociáveis dessa organização. Referem-se às “duplas jornadas de trabalho (estudo e emprego)” e “cobranças” vivenciadas como “obrigatórias”, tal como em contratos de trabalho (Ghizoni, Silva & Santos, 2024, p.2). Aponta-se que o estudar como um trabalho já havia sido indicado nos estudos mencionados de Silva, Ghizoni & Lage (2021), Silva, Ghizoni & Cecchin (2022) e Moraes, Ghizoni, Pinheiro & Silva (2021). Esses três se referem a estudantes de pós-graduação, segmento da pesquisa que aqui enfocamos. Destaca-se ainda que Ghizoni havia atuado na

orientação da Dissertação de Mestrado de Silva (2019) – “*Estudar, para um pós-graduando stricto sensu, é o trabalho*” – e do Trabalho de Conclusão de Curso de Santos (2022) – “Atividade acadêmica enquanto trabalho”.

A questão do reconhecimento do trabalho do estudante de pós-graduação como estudo, tal como apontam Silva, Ghizoni & Lage (2021), envolve vulnerabilidades e desrespeitos, contraditoriamente vivenciadas numa busca de realização pessoal. Seria um reducionismo imputar tais problemas meramente às relações intersubjetivas, ainda que sejam nessas que muitos conflitos se concretizam – assim como também nelas podem ocorrer o inverso, como vínculos positivos, aprendizagens - uma vez que refletem, como se argumentou, uma relação indissociável entre injunções paradoxais e malversação do reconhecimento. Faz-se necessário considerar o contexto institucional, político e as formas de sociabilidade produtiva que afetam, de forma multifacetada, a subjetividade e saúde de docentes, técnicos-administrativos e estudantes (Silva, 2020) na universidade mercantil (Sacramento, 2019).

As instituições de ensino são moldadas por fatores políticos e sociais mais amplos, o que pode afetar significativamente as vivências cotidianas dos sujeitos que estão incorporados na organização de trabalho. Nesse sentido, é possível inferir que a atividade acadêmica está intrinsecamente ligada às transformações do mundo do trabalho e às complexas relações sociais e contradições que delas emergem. Moldado pelas dimensões políticas e econômicas, os ambientes de produção científica não se limitam à pesquisa, mas também atuam como reprodutores e catalisadores de uma variedade de elementos que ultrapassam suas próprias fronteiras (Sguissardi & Silva Júnior, 2009). Essas dinâmicas afetam não apenas os pesquisadores, docentes e funcionários administrativos, terceirizados, mas também os estudantes, destacando a interconexão entre os espaços acadêmicos e o contexto socioeconômico mais amplo.

Como mencionado anteriormente, a transfiguração da figura do Estado para agente "avaliador" (Santana, 2018) têm causado um impacto substancial no ambiente acadêmico, resultando em um aumento expressivo da carga de trabalho e incentivando uma cultura de produtivismo sem precedentes. Isso tem levado a uma fragmentação das relações solidárias entre professores e estudantes, como documentado em pesquisas anteriores (Sguissardi & Silva Júnior, 2009; Sampaio Catrib & Caldas, 2019; Ruza, 2017; Silva, Leite & Reis, 2020). Esses estudos destacam a intensificação e a precarização dos processos de produção acadêmica e científica nas instituições de ensino superior. Tal contexto é marcado por uma crescente pressão sobre os docentes e discentes, bem como por uma ampliação das exigências de produtividade, que muitas vezes ultrapassam os limites razoáveis e afetam negativamente a

qualidade do trabalho acadêmico. Os docentes muitas vezes se veem sobrecarregados com obrigações administrativas, orientação de alunos e atividades de pesquisa. (Mancebo, 2007; Ribeiro & Leda, 2016). De maneira peculiar, os ambientes destinados à produção de conhecimento internalizaram a ideologia de maximizar a produção com recursos escassos, buscando atender às crescentes demandas com um contingente limitado de recursos disponíveis.

Logo, as transformações estruturais e gerenciais que seguem os parâmetros objetivistas e quantofrênicos (Gaulejac, 2007) também impactam fortemente os institutos de pesquisa e universidades, seguindo a lógica flexível. A pós-graduação está orientada por ordenamentos como a competição e a busca multiforme de recursos para a continuidade da produção de conhecimento em contextos de cortes e desinvestimento (Reis; Blundi & Silva, 2020). A pós-graduação é um ponto de origem do processo de mercantilização da universidade e atua em sintonia com os interesses da reprodução capitalista e da resolução de crises cíclicas (Silva Júnior, 2017).

No caso da instituição pesquisada, o INPE, destacamos ser nela bastante comum a busca por recursos privados, não se circunscrevendo aos financiamentos de agências públicas. A simbiose empresa-setor produtivo-pesquisa é evidente, o que implica na demanda de estudantes a realizar uma série de trabalhos e atividades nos laboratórios, que extrapolam atividades formativas ou diretamente relacionadas às suas pesquisas de mestrado ou doutorado. Docentes chegam a verbalizar aos estudantes que o Instituto se caracteriza por ser um local de trabalho e não propriamente de formação, exigindo que tarefas sejam cumpridas de modo a atender demandas dos laboratórios que seguem as exigências dos compromissos público-privados assumidos. É comum os orientandos-trabalhadores serem requeridos tanto à análise de dados das pesquisas para além das suas específicas, dada a necessidade de renda que possuem e o contexto institucional no qual se inserem, como também a reparar e manter equipamentos. Os estudantes internalizam de certa forma, sob sentimentos ambivalentes, o papel de executores de ordens de seus orientadores, coorientadores e professores, não raro se referindo a eles como “chefes” (Reis, 2022).

Diante das referidas transformações das práticas universitárias de modo geral, e de sua mercantilização progressiva (Sacramento, 2019; Silva Júnior, 2017), prototípica no INPE, os estudantes, como o último elo na cadeia do ecossistema universitário, são inevitavelmente influenciados pelas dinâmicas relacionais, institucionais, sociais e organizacionais do ambiente acadêmico, que moldam suas perspectivas (Reis, 2022; Silva; Leite & Reis, 2020). Nesse cenário, é essencial reconhecer a figura do pós-graduando e situá-la dentro da estrutura

de trabalho flexível das instituições de pesquisa e universidades, em um contexto marcado pela crise do capital (Antunes, 2007).

Os enlaces dos estudantes de pós-graduação do INPE com o mundo do trabalho

Considerando as bases colocadas, é imprescindível ressaltar a percepção dos estudantes-pesquisadores em relação à sua inserção nas atividades de pesquisa e demais do cotidiano do INPE. Tais percepções, manifestadas em suas falas, são de suma importância para compreender a experiência vivida no âmbito da pesquisa acadêmica, revelando nuances fundamentais sobre a posição ocupada pelo pós-graduando nesse contexto (Reis, 2022).

A expansão seguida da retração da pós-graduação implicou em um incremento no engajamento dos estudantes em atividades previstas e não previstas nos programas de formação. Isso conduz a uma ampliação do escopo de atuação dos pós-graduandos, que como apontado, se veem envolvidos em tarefas além das inicialmente estipuladas. Adicionalmente, de forma gradativa, observa-se um agravamento das condições de trabalho desses estudantes, marcadas por jornadas extenuantes, remuneração inadequada e escassez de garantias laborais.

Torna-se importante ressaltar que os próprios pós-graduandos do INPE tendem a perceber a atividade acadêmica como uma ocupação profissional, tal como já haviam apontado os estudos de Silva (2019), Santos (2022) e Ghizoni, Silva & Santos (2024). Essa percepção advém da constatação de seu imprescindível papel na produção de conhecimento em suas áreas de especialização, participando ativamente dos indicadores de produção acadêmica. Por vezes, eles assumem responsabilidades que outrora eram atribuídas exclusivamente a docentes ou demais pesquisadores. Essa análise é corroborada pelas próprias falas dos participantes da pesquisa (Reis, 2022).

Portanto, é evidente que os pós-graduandos se deparam com uma realidade multifacetada, na qual seu envolvimento em atividades de pesquisa transcende os limites convencionais, sinalizando para o que poderíamos considerar, grosso modo, como uma profissionalização de seu papel. O reconhecimento crítico desse papel social e paradoxalmente forjado se mostra crucial não apenas para a compreensão das demandas e desafios enfrentados por esses estudantes, mas também para a proposição de medidas e políticas que visem a melhoria das condições de seu trabalho acadêmico, assim como de seu não desprendimento da dimensão formativa. A noção psicossociológica do paradoxo vale ser lembrada: uma profissionalização genuína seria dotada de proteção social, condições favoráveis de trabalho, de renda etc. Do mesmo modo, a dimensão formativa do pesquisador

alia-se às possibilidades de descoberta e de desenvolvimento e reconhecimento de suas capacidades e autonomia. Mas os dados, sobretudo dos conteúdos analisados sob a categoria “estudo como trabalho”, indicaram distorções de processos profissionalizantes e formativos potencialmente enriquecedores.

A pesquisa de Oliveira (2014) analisa, numa perspectiva bourdieuseana, a atividade discente na universidade. A autora aponta para os impactos negativos do produtivismo acadêmico e da reforma universitária que acompanha servilmente o mercado na formação dos estudantes. São analisadas relações de dominação que tendem a ser legitimadas por modos de socialização que naturalizam o utilitarismo e pragmatismo, em detrimento de processos socializadores enriquecedores.

A citação de Samara (adotamos aqui nomes fictícios) destaca uma dinâmica paradoxal no ambiente acadêmico, na qual os alunos, ou pós-graduandos, estão assumindo uma parcela significativa da produção acadêmica que tradicionalmente seria atribuída aos professores e orientadores. Essa inversão de papéis sugere uma precarização do trabalho docente e uma intensificação do trabalho dos estudantes.

“Nós que fazemos toda produção, os alunos estão fazendo quase toda a produção dos professores e orientadores” (Entrevista Samara, Reis, 2022, p.153).

Outros relatos de Samara e Pantera evidenciam a sobrecarga enfrentada pelos estudantes de pós-graduação em instituições como o INPE, onde a demanda por produção acadêmica é intensa e a pressão por qualidade é elevada. Essa situação reflete não apenas uma carga excessiva de trabalho, mas também a dependência institucional dos estudantes para cumprir uma variedade de demandas solicitadas. Logo, os estudantes atuam de forma compensatória, tamponando *déficits* já existentes na organização.

“Então a quantidade de coisas que a gente tem que fazer é altíssima, a quantidade de produção de artigos, e não só quantidade, mas eles cobram muito em cima da qualidade” (Entrevista Samara, Reis, 2022, p.153).

“Porque é muito serviço que tem no INPE, é muito mesmo. A parte de monitoramento ambiental é bem complicada, é bem... É muita tarefa. E, realmente, sozinho eles não dão conta. Eles precisam dos bolsistas” (Entrevista Pantera, Reis, 2022, p.153).

Em outro ponto de sua entrevista, Samara explicita aspectos desgastantes da dimensão de poder na relação de trabalho acadêmico estudante-orientador que se assemelha a de trabalhador-chefe, o que nos remete ao problema da banalização do sofrimento, considerada por Dejours (1999) e Gaulejac (2007) em suas críticas ao modelo de gestão gerencialista, incorporado nas práticas de instituições de pesquisa progressivamente mercantilizadas.

Na pesquisa também foi relatada, por uma estudante, a quem atribuiu-se o nome fictício de Pantera, uma situação de intensificação de produção de sofrimento por postura retrógrada de professor. A estudante apresentava desgaste e fragilidade, encontrava-se sobrecarregada de demandas, pressões, atravessadas ainda por dificuldades financeiras. Havia perdido uma prova e solicitou ao professor fazê-la em outro dia. Este, após insistência dela, disse que lhe daria tal oportunidade, mas impôs uma condição: ela deveria ficar 3 horas na portaria do prédio contando quantas mulheres por lá passariam. Passadas as três horas o professor a questionou e Pantera disse que não havia passado nenhuma. Ele então simplesmente lhe disse que ela deveria voltar para casa, alegando que o trabalho de pesquisa não era para ser exercido por mulheres (Reis, 2023, p.184).

Os percalços nas formas de interiorização de situações adversas e conflitos foram referidos também em vários outros relatos, dentre os quais o termo assédio foi evocado. Uma das estudantes, Samara, relatou acreditar que talvez não houvesse nenhum estudante do INPE que não tivesse um dia “quebrado” por conta de distintos fatores estressores de variadas gravidades. Relatou ouvir muitos estudantes dizerem “eu preciso sair do Inpe”, “eu não aguento mais o Inpe”. Queixou-se dizendo: “tudo o que a gente faz não é suficiente; “eles cobram muito da gente, enxergam a gente como máquinas”. A cobrança é a de “produzir, produzir, produzir”, “fazer, fazer e fazer”, ao que acrescentou: mas não “quebrar”. E lamentou: “eu acho que não conheço ninguém que não tenha quebrado em algum momento e acho isso muito triste” (Reis, 2022, p.139).

Tais tipos de relatos e situações nos remetem às vulnerabilidades e desrespeitos, indicadas pelo estudo de Moraes, Ghizoni, Pinheiro & Silva (2021). As autoras apontam 21,02% de estudantes de pós-graduação que referiram sofrer alguma forma de abuso, violência e/ou sofrimento. As respostas foram quantificadas em alguns percentis, nos quais distintas formas de assédio e violências se mesclavam, a saber: assédio e a violência psicológica (29,73%); assédio/violência institucional (16,22%); assédio/violência moral (13,51%); assédio/violência moral juntamente com assédio/violência psicológica (13,51%); e assédio/violência institucional (8,11%) (Moraes, Ghizoni, Pinheiro & Silva, 2021, p.238).

Há uma tecitura de malversação do reconhecimento e precarização do trabalho (Silva & Ruza, 2018) que mescla aspectos concretos e simbólicos, intersubjetivos e identitários. O estudante-trabalhador se situa num limbo, no qual não tem o bônus que tem o docente por seu trabalho, nem tampouco desfruta do que estudantes de graduação podem ter melhor preservados (de respeito à sua condição formativa), ao mesmo tempo que carrega o ônus dos prazos, pressões e metas tão naturalizadas no modelo e ideologia gerencialista, que se apregoa

como de “qualidade” e “excelência”, ainda que seja produtora de insignificâncias e patologias (Gaulejac, 2007, p.81-83; p. 217).

O relato de outro entrevistado, Percival, destaca uma disparidade no tratamento dentro do ambiente acadêmico, apontando para uma estrutura hierárquica que coloca os estudantes em uma posição de subordinação, apesar de já se julgarem profissionais e trabalhadores com formações e experiência na área de pesquisa. Essa situação revela uma desigualdade de *status* e reconhecimento, nos quais os discentes são por vezes subvalorizados e tratados de forma inferiorizada. Vale lembrar que Dejours (2004b; 2004c) destaca ser o reconhecimento fundamental para as possibilidades de transmutação do sofrimento patogênico em sofrimento criativo, ou ainda, para a reapropriação do sentido do trabalho. No entanto, como apontávamos, o que foi predominantemente identificado foi a “malversação do reconhecimento” (Silva & Ruza, 2018, p.3).

A fala de Percival fornece pistas para a ambiguidade das práticas de “reconhecimento” na instituição, haja vista dois pontos: i) a hierarquia institucional que coloca os discentes em uma posição de subordinação representa uma negação do reconhecimento de suas capacidades e conquistas como profissionais e trabalhadores, características que, por seu turno, podem atuar como um gatilho diminuidor de autoestima e autoconfiança; ii) a forma como incorporam o que é forjado na sociabilidade institucional tende a gerar, conforme o estudante, uma maior ou menor adesão ao produtivismo acadêmico, à naturalização dos processos de cariz mercantilizante da pesquisa e dos financiamentos privados, e por extensão, da própria condição de “trabalhadores” precarizados ou com rendimentos de certa forma destoantes com suas qualificações.

“Por conta de parcerias institucionais, no final das contas a gente tá falando de pesquisadores, doutores que se colocam num grau de excelência ímpar, e contra discentes que na verdade já são pesquisadores, já são profissionais formados que deveriam ter um mesmo nível de respeito, mas que são colocados como alunos” (Entrevista Percival, Reis, 2022, p.154).

Além da significativa carga atribuída à produção científica, é fundamental ressaltar uma característica peculiar experimentada pelos estudantes de pós-graduação envolvidos em pesquisas. Essa particularidade enfatiza a posição única ocupada por esses estudantes, evidenciando que frequentemente absorvem as exigências e responsabilidades tanto da condição de estudante quanto de trabalhador. Em outras palavras, os estudantes de pós-graduação enfrentam o desafio de equilibrar as demandas e pressões associadas a ambas as identidades, apresentando determinada dualidade que pode ser considerada desafiadora

para a maior parte deles. As ambiguidades identitárias tendem a gerar conflitos identitários, o que implica aspectos nefastos à subjetividade e saúde dos estudantes (Reis, 2022).

Dito de outra forma, a condição dos estudantes de pós-graduação é frequentemente caracterizada pela linha tênue que precisam percorrer entre ser um estudante e ser um trabalhador. Apesar de formalmente reconhecidos como estudantes, o envolvimento em atividades de pesquisa na pós-graduação vai muito além das tarefas acadêmicas convencionais. Isso implica em uma dedicação intensa e prolongada à produção de conhecimento, uma vez que são confrontados com exigências que se assemelham às dos trabalhadores convencionais. Essa dualidade entre as responsabilidades acadêmicas e profissionais é um tema recorrente nas experiências compartilhadas por estudantes como Samara e Beatriz, cujas falas ilustram vividamente a complexidade dessa realidade.

Samara oferece uma crítica contundente às relações de poder desiguais e abruptas dentro do ambiente acadêmico, destacando a necessidade de repensar e transformar essas estruturas para garantir uma educação ou formação mais justa. Beatriz enfatiza a sobrecarga de tarefas que extrapolam a atividade de pesquisa.

“Mas essa questão de poder é uma coisa muito complexa porque ela é muito nítida, essa relação de poder abusivo hoje. O poder de que é a minha palavra final e você não tem muita voz, vocês são alunos. E isso acontece. Eles, no meu curso em especial, eles entendem que a produção de artigos, a alta produção de artigos é nossa, mas é como se nós fossemos simples trabalhadores ali que têm que *obedecer ao chefe*. Que não valem nada. *Como se fosse uma companhia de mineração e nós fossemos os mineiros*” (Entrevista Samara, Reis, 2002, p.153, grifos nossos).

“Os alunos que faziam a manutenção, limpeza, que faziam a gestão da utilização. Então isso sobrecarregou um pouco os alunos, né? De maneira geral. Porque tem equipamento que funciona final de semana, né? Então, sobrecarrega, né? Eu acho que a bolsa não é pra isso, né? Mas, enfim...” (Entrevista Beatriz, Reis, 2022, p.159).

A observação de Beatriz ressalta a sobrecarga de responsabilidades enfrentadas pelos alunos, que muitas vezes acabam assumindo tarefas de manutenção, limpeza e gestão da utilização de equipamentos, atividades que não são necessariamente parte de suas atribuições como bolsistas. Ela destaca como essa sobrecarga afeta os alunos de maneira geral, especialmente quando equipamentos necessitam de manutenção mesmo nos finais de semana, aumentando ainda mais a carga de trabalho e comprometendo o equilíbrio entre vida acadêmica e pessoal. O relato lança visibilidade para a necessidade de recursos que possam

garantir a operacionalização das responsabilidades administrativas e operacionais associadas ao trabalho acadêmico.

No tocante à intensidade do trabalho, a análise do questionário da pesquisa revela que os pós-graduandos enfrentam jornadas de trabalho comparáveis às dos trabalhadores tradicionais, frequentemente excedendo as horas médias diárias. Essas extensas jornadas são concentradas em períodos de 6 a 8 horas por dia e é comum que trabalhem nos fins de semana, feriados e períodos de férias (Reis, 2022).

Os relatos dos participantes também evidenciam que eles têm pouca ou nenhuma participação nas decisões institucionais e são tratados como simples executores de tarefas. Como mencionado anteriormente, um dos participantes compara os estudantes de pós-graduação a "mineiros", submissos a uma autoridade superior, refletindo dinâmicas comuns no mundo do trabalho. Esses relatos destacam uma postura reativa por parte dos estudantes de pós-graduação, influenciados pela estrutura organizacional, o que pode ter consequências para sua saúde e bem-estar.

Em última análise, os estudantes de pós-graduação acabam por assumir o peso de ambas as identidades, de estudante e trabalhador, frequentemente, como apontávamos, sem desfrutar dos direitos e benefícios trabalhistas típicos dos trabalhadores convencionais. Ainda, sob a pecha de serem socialmente identificados como pessoas que “só estudam”.

“Com esse ambiente, assim, que: ah, você só estuda? Você não... Você não trabalha, né? Ah, você só faz o mestrado? Você não trabalha? Então, ainda vencer essa pressão moral de que o pesquisador não trabalha. O pesquisador só senta a bunda na cadeira e não faz nada, entendeu? Essa moleza, né? Pessoal acha que pesquisador no Brasil não trabalha. Então, precisa ter uma estrutura muito grande emocional e financeira pra aguentar a pressão” (Entrevista Estela, Reis, 2022, p.156).

A outra face do fardo carregado pelos estudantes de pós-graduação está intimamente ligada à precariedade que permeia o ambiente acadêmico onde operam. Apesar de assumirem tarefas que se equiparam às de um trabalhador convencional, esses estudantes frequentemente se veem submetidos a uma carga horária excedente, desprovida das garantias de direitos e benefícios que poderiam mitigar os impactos dessa sobrecarga. Mais ainda, embora se reconheça o trabalho realizado pelos pós-graduandos como uma forma de atividade laboral, não há contrapartidas materiais que possam melhorar suas condições de vida.

Uma lacuna flagrante se revela nos valores defasados das bolsas de pós-graduação, tanto para mestrado quanto para doutorado, os quais permaneceram tempo demasiado sem o devido ajuste. Tal situação resulta em uma redução do poder de compra do pesquisador e, por

consequente, em uma deterioração da qualidade de vida. Ademais, a bolsa frequentemente se torna a única fonte de sustento do pesquisador, privando-o de buscar outras formas de renda, apesar de ser destinada originalmente para custear despesas relacionadas às atividades de pesquisa e projetos.

Mattos (2020), em seu estudo bordieuseano sobre a permanência estudantil, analisa a dimensão concreta e simbólica dos recursos materiais e financeiros, assim como as estratégias de adaptação e formação dos estudantes para o campo científico diante de suas arbitrariedades e situações de violência simbólica. Aponta que, ao lado do suporte econômico, se faz premente ações de apoio pedagógico que favoreçam adquirir o *habitus* do campo científico.

A precariedade da situação do estudo como trabalho verificada em nossa pesquisa, a problemática do não-reconhecimento, a instabilidade no tocante aos recursos financeiros, somadas às situações paradoxais, de conflito e abuso, implicavam em frágeis possibilidades de estratégias defensivas e de mobilização da subjetividade (Dejours, 2004c). O prazer da descoberta e a curiosidade científica, assim como algumas tessituras de caráter coletivo do movimento estudantil e de pequenos grupos, não obstante, foram referidas pontual e minoritariamente como salvaguardas, ainda que insuficientes e despotencializadas pelos problemas explicitados. Ações de apoio pedagógico, tal como as preconizadas por Mattos (2020), não foram encontradas.

Desse modo, a situação dos estudantes de pós-graduação expõe as profundas contradições e injustiças presentes no sistema educacional e acadêmico contemporâneo. É essencial questionar e desafiar essa estrutura que perpetua a exploração e a precariedade, buscando formas de garantir condições de trabalho dignas e justas para todos os envolvidos no processo de produção de conhecimento.

"Não sei se alguém relatou pra você, mas há uns meses atrás, o coordenador do curso, ele mandou um *e-mail* para todo mundo falando assim: "Ah. Tenho recebido muitas perguntas sobre trabalhar durante a pós-graduação e gostaria de lembrá-los". Aí ele pegou um texto assim, de um termo que a gente assina, que a gente não trabalharia e que era nossa responsabilidade, que a gente tinha que ter responsabilidade com o curso, mesmo tendo pessoas passando necessidade, sabe? Porque, assim, o Inpe é um programa que não permite você trabalhar enquanto você estuda. Inclusive isso é uma política interna do programa e ele joga isso na nossa cara tempo inteiro" (Entrevista Tony, Reis, 2022, p.154).

As situações descritas revelam não apenas a precarização enfrentada pelos pós-graduandos, mas também refletem um sintoma mais amplo do quadro de precarização

social que assola a sociedade contemporânea. Essa precarização não se limita apenas aos estudantes de pós-graduação, mas se estende por toda a estrutura social, afetando diversas esferas da vida em sociedade.

A relação entre a precarização dos pós-graduandos e o ambiente acadêmico vai além de uma questão meramente econômica. Ela lança luz sobre questões estruturais dentro das universidades e institutos de pesquisa, especialmente no que diz respeito ao *déficit* de pessoal resultante da expansão desenfreada sem a devida reposição de cargos (Sguissardi & Silva Júnior, 2009). Os estudantes acabam assumindo um papel estratégico para suprir essas deficiências já existentes, muitas vezes sendo sobrecarregados com responsabilidades técnico-administrativas e até mesmo trabalho via docente voluntário, o que se tornou cada vez mais comum nos últimos anos.

A dificuldade na abertura de concursos públicos, os cortes de gastos e as propostas de reformas administrativas indicam que essas situações tendem a se tornar ainda mais frequentes. Isso pode ser agravado pela demissão de trabalhadores terceirizados, uma vez que a terceirização se tornou uma das principais estratégias adotadas pelas instituições de ensino públicas para lidar com obstáculos orçamentários; contudo, em função da asfixia orçamentária, o gasto com serviço terceirizado também se tornou um gargalo (Meirelles; Reis & Moraes, 2021).

Como resultado, a utilização de alunos como mão de obra pode ser vista como promissora pela perspectiva gerencialista-funcionalista (Gaulejac, 2007), já que reduz os custos de trabalho e permite dispensar trabalhadores sem custos adicionais em tempos de crise financeira.

Os relatos dos participantes evidenciam essa realidade, destacando a substituição de funcionários por bolsistas e o aumento das responsabilidades atribuídas aos estudantes, muitas vezes em condições desmensuradas. Essa prática não apenas compromete a qualidade do ensino e da pesquisa, mas também perpetua a lógica da precarização e da exploração dentro do ambiente acadêmico. O discurso de "formação de secretários" ao invés de pesquisadores, como mencionado por um dos participantes (vide adiante), reflete a deterioração do propósito original das instituições de ensino e pesquisa, que deveriam priorizar a produção de conhecimento e não a substituição de mão de obra. Em última análise, essa realidade ilustra como a precarização do trabalho acadêmico não é apenas um problema localizado, mas sim um reflexo das políticas neoliberais que permeiam o sistema educacional e o mercado de trabalho como um todo.

Isso pode ser verificado nas observações discorridos por John. Na conversa, o participante infere sobre uma configuração típica do modo como as relações de trabalho operam sob a égide do capitalismo contemporâneo.

"O meu caso é esse. O meu chefe está pra aposentar, eles me chamaram aqui justamente pra isso. Foi aberto... ia ser aberto um concurso três anos atrás, justamente porque ele tá para aposentar e é para aposentar agora. Só que o concurso foi cancelado. Então, o que aconteceu? Cancelou, ele vai aposentar e não vai ter ninguém para ficar no lugar dele. Vai ser o bolsista, e muitas responsabilidades não podem ser passadas para bolsista. Mas aí... é diferente..." (Entrevista John, Reis, 2022, p.155).

Em suma, John é confrontado com uma sobreposição de tarefas e responsabilidades sem que haja uma contrapartida adequada em termos de reconhecimento. Isso ocorre em decorrência da ausência de concursos públicos para suprir *déficits* existentes na instituição, o que leva a transferência dessas incumbências para ele, um bolsista, sem que lhe seja conferida a devida consideração ou compensação por esse trabalho adicional. A situação de John é emblemática da contradição intrínseca ao discurso hegemônico que promete oportunidades de emprego e estabilidade financeira através da educação, enquanto a realidade revela a precariedade e instabilidade. Essa contradição evidencia a perpetuação da exploração e da desigualdade, mesmo nos domínios acadêmicos que, teoricamente, deveriam ser apoios do conhecimento e da equidade social.

"Então, hoje eu trabalho como um secretário para ele e aí a partir daquele momento, a minha proatividade passou a ser positiva para ele e não negativa mais, entendeu? Por que eu estava resolvendo os problemas que ele não conseguiu resolver" (Entrevista Tony, Reis, 2022, p.155).

"Que ao invés de pesquisadores, o Inpe estava formando secretários. E assim, em regime abusivo" (Entrevista Percival, Reis, 2022, p.155).

A narrativa de Tony revela uma clara expressão das dinâmicas de poder e controle presentes na instituição. A estrutura hierárquica e as relações de poder estabelecidas no ambiente de trabalho não apenas definem as atribuições dos estudantes, mas também influenciam diretamente a maneira como sua contribuição é avaliada. Sob a ótica utilitarista, que prioriza a eficiência e a produtividade em favor dos interesses organizacionais, a proatividade de Tony é valorizada na medida em que serve aos objetivos e metas estabelecidos pela hierarquia superior. Isso ressalta a concepção de que os trabalhadores são reconhecidos apenas quando desempenham funções que promovem a eficiência e o sucesso

da instituição, alinhando-se aos princípios utilitaristas de maximização dos resultados, imbuídos numa lógica empresarial.

A noção de categoria periférica, como desenvolvida por Harvey (2009), permite uma análise mais profunda da condição dos estudantes de pós-graduação no atual contexto socioeconômico. Essa categoria não se restringe apenas à margem do sistema produtivo, mas abrange um espectro mais amplo de exclusão e precariedade que permeia diversos aspectos e segmentos da vida social. Tal noção denota elementos que se encontram em uma posição de subordinação dentro de um sistema. Essas áreas enfrentam uma realidade marcada pela exploração econômica, maiores desigualdades sociais e uma notória ausência de autonomia, tudo isso decorrente de sua dependência em relação aos centros dominantes.

Dentro do ambiente acadêmico, os pós-graduandos enfrentam não apenas dificuldades para garantir sua inserção profissional e estabilidade, mas também lidam com condições de trabalho e vida que refletem essa condição periférica.

A periferia acadêmica em que os estudantes de pós-graduação se encontram, bem como a pressão por produtividade e resultados imediatos, por vezes leva à subvalorização do processo de pesquisa em si mesmo, contribuindo para uma dinâmica em que se veem constantemente buscando validar sua relevância em um mercado futuro e incerto.

A situação dos pós-graduandos é agravada pela instabilidade e incerteza que caracterizam o mercado de trabalho contemporâneo. Colocados em posições de responsabilidade sem o suporte adequado, esses alunos enfrentam uma sobrecarga física e mental considerável ao equilibrar suas atividades acadêmicas com outras responsabilidades, como a busca por fontes alternativas de renda. Esse contexto de precariedade não apenas impacta negativamente o bem-estar individual dos estudantes, mas também compromete a qualidade e a integridade da produção acadêmica como um todo.

Em suma, a crescente instrumentalização dos estudantes como fontes de mão de obra qualificada contribui para a perpetuação da condição periférica dos estudantes. A situação dos pós-graduandos reflete não apenas uma questão individual, mas sim um fenômeno mais amplo de precarização do trabalho acadêmico e subordinação do conhecimento aos interesses do mercado, exigindo uma reflexão crítica e uma ação coletiva para promover mudanças significativas na estrutura e funcionamento do sistema educacional e econômico.

Considerações finais

O presente estudo abordou a percepção dos estudantes-pesquisadores em relação à sua experiência na pesquisa acadêmica, enfatizando a posição singular ocupada pelos pós-graduandos, que enfrentam uma carga elevada de responsabilidade em relação à produção científica, juntamente com um peso emocional e psicológico considerável. Ademais, esses estudantes assumem a dupla condição de estudante e trabalhador, muitas vezes sem desfrutar dos direitos e proteções correspondentes a ambas as esferas.

As demandas por produção de conhecimento de alta qualidade se entrelaçam com as adversidades enfrentadas, inclusive ultrapassando os limites estabelecidos. Assim, torna-se imperativo que as instituições acadêmicas, bem como a sociedade e os governantes, reconheçam a importância desses estudantes e proporcionem melhores condições de formação, de exercício da atividade-trabalho acadêmica e de participação nas decisões institucionais. Os pós-graduandos representam o alicerce da produção científica nacional, sendo sua valorização crucial para o avanço científico e tecnológico.

Sob a ótica da Psicodinâmica do Trabalho, é possível compreender que a atividade acadêmica dos estudantes de pós-graduação pode acarretar riscos significativos para sua saúde emocional e psicológica. As exigências impostas permeadas pela malversação do reconhecimento, podem gerar sentimento de impotência, frustração, estresse e ansiedade. Além disso, a falta de reconhecimento e proteção social pode levar à desmotivação e instabilidade emocional, afetando tanto a saúde mental quanto física dos estudantes, além de aumentar as possibilidades de taxas de evasão.

É relevante ressaltar que, embora o trabalho possa proporcionar realização e contribuição social, também pode ter impactos negativos na saúde e bem-estar dos trabalhadores. A pesquisa acadêmica dos estudantes de pós-graduação compartilha características do trabalho precário, como falta de proteção, sobrecarga de trabalho, exigências cognitivas e emocionais elevadas, falta de reconhecimento e autonomia, podendo resultar em percepções de falta de valor e significado no trabalho, contribuindo para desmotivação e desengajamento.

Conclui-se que a situação dos estudantes de pós-graduação no Brasil está se tornando cada vez mais precária e que é essencial que sua atividade acadêmica seja reconhecida de forma compatível à sua relevância. Ao delimitarmos o escopo deste artigo à análise da categoria “Estudo como trabalho”, dentre outras da pesquisa abordada (Reis, 2022), procuramos destacar essa relevância e o como ela é antes instrumentalizada do que reconhecida, dado seus entrelaçamentos com a precariedade do universo laboral, processos mercantis e injunções paradoxais que assolam universidades e institutos de pesquisa. Tal

delimitação se fez necessária, ainda que reconheçamos que a articulação com outras categorias, relacionadas às formas de incorporação da sociabilidade do contexto e dos processos de saúde-doença, possam ampliar o horizonte de análise. Não obstante, fica mais enfaticamente demonstrada a necessidade de se incentivar associações e movimentos estudantis coletivos, de modo a promover uma cultura de valorização da produção científica dos pós-graduandos. Evidencia-se ser crucial, portanto, que as instituições de ensino superior e institutos de pesquisa venham efetivamente valorizar a atividade dos estudantes de pós-graduação e oferecer condições adequadas de trabalho e proteção social, visando garantir seu bem-estar e saúde, além de promover um ambiente de produção científica saudável, qualificado e socialmente referenciado.

Referências

- Amado, G., & Enriquez, E. (2011). Psicodinâmica do trabalho e psicossociologia. In: P. Bendassolli; L. A. Soboll (Orgs.). *Clínicas do trabalho: novas perspectivas para compreensão do trabalho na atualidade*. Atlas.
- Antunes, R. (2007). *O caracol e a concha: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho*. Boitempo.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Edição 70.
- Bendassolli, P., & Soboll, L. A. (2011). *Clínicas do trabalho: novas perspectivas para compreensão do trabalho na atualidade*. Atlas.
- Dejours, C. (2012). *Trabalho vivo*. Paralelo 15, Tomo II: Trabalho e Emancipação.
- _____. (2004a). O trabalho como enigma. In: S. Lancman; L. I. Sznelwar (orgs.). *Christophe Dejours: da psicopatologia psicodinâmica do trabalho*. Editora Fiocruz, parte I, cap.3, p.127-140.
- _____. (2004b). Sofrimento e prazer no trabalho: a abordagem pela psicopatologia do trabalho. In: S. Lancman; L. I. Sznelwar (orgs.). *Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho*. Editora Fiocruz, parte I, cap.4, p.141-156.
- _____. (2004c). Entre sofrimento e reapropriação: sentido do trabalho. In: S. Lancman; L. I. Sznelwar (orgs.). *Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho*. Editora Fiocruz, parte III, cap.10, p.303-316.
- _____. (1999). *A banalização da injustiça social*. Editora FGV.
- Dias Sobrinho, J. (2003). Educação superior: flexibilização e regulação ou avaliação e sentido público. In: L. F. Dourado; A. M. Catani; J. F. Oliveira (orgs.). *Políticas e gestão da*

educação superior: transformações recentes e debates atuais. Xamã; Goiânia: Alternativa.

- Gaulejac, V. (2007). *Gestão como doença social: ideologia, poder gerencialista e fragmentação social*. Ideias & Letras.
- Gaulejac, V., & Hanique, Fabienne (2024). *Capitalismo paradoxante: um sistema adoecedor*. Hucitec.
- Ghizoni, L. D., Silva, J. V., & Santos, M. J. G. (2024). Atividade acadêmica enquanto trabalho: vivências de “prazer-sofrimento” em universitários. *Trabalho (En)Cena*. 9 (contínuo), 1-23.
- Harvey, D. (2009). *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. Edições Loyola.
- Heloani, J. R. M. (2003). *Gestão e organização no capitalismo globalizado: história da manipulação psicológica no mundo do trabalho*. Atlas.
- Mancebo, D. (2007). Trabalho docente: subjetividade, sobreimplicação e prazer. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20(1), 74-80.
- Mattos, H. C. X. da S. (2020). *Permanência universitária: quando o pedagógico se une ao econômico* [Dissertação de Mestrado em Educação]. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, Brasil.
- Meirelles, C. M., Reis, A. C., & Moraes, L. S. (2021). Duas décadas de força de trabalho terceirizado na UFF: uma história a ser contada. *Revelli - Revista de Educação, Língua e Literatura da UEG*, v.13, Dossiê políticas de educação superior: tendências e perspectivas.
- Minayo, M. C. de S. (2007). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Vozes.
- Moraes, R. D. de., Ghizoni, L. D., Pinheiro, C. J. & Silva, J. V. da. (2021). Dimensão subjetiva do trabalho acadêmico de estudantes da pós-graduação stricto sensu no Brasil. In J. K. Monteiro et al (orgs.), *Trabalho, precarização e resistências* (pp 328-364). Edufma.
- Oliveira, M. A. de (2014). *A atividade discente na universidade: os impactos da produtividade acadêmica na formação dos estudantes* [Dissertação de Mestrado em Educação]. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, Brasil.
- Perez, K. V., Brun, L. G., & Rodrigues, C. M. L. (2019). Saúde mental no contexto universitário: desafios e práticas. *Trabalho (En)Cena*, 4(2), 357-365.
- Reis, A. C. (2022). *Trabalho acadêmico e saúde de estudantes de pós-graduação diante dos cortes de financiamento à pesquisa* [Dissertação de Mestrado em Educação]. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, Brasil.

- Reis, A. C., Blundi, B., & Silva, E. P. (2020). O dismantelamento da ciência brasileira no deliberado corte de bolsas: aspectos políticos e consequências psicossociais para estudantes de pós-graduação. *Muiraquitã*, UFAC, 8(1).
- Reis, L. F. (2015). *Dívida pública, política econômica e o financiamento das universidades federais nos governos Lula e Dilma (2003-2014)* [Tese de Doutorado em Políticas Públicas e Formação Humana], Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Brasil.
- Reis, L. F., & Macário, E. (2018). Dívida pública, sistema tributário, e financiamento em C&T no Brasil (2003-2017). In E. Macário (org.), *Dimensões da crise brasileira, trabalho e fundo público*. EdUECE; Bauru: Canal 6.
- Ribeiro, C. V. D. S., & Leda, D. B. (2016). O trabalho docente no enfrentamento do gerencialismo nas universidades federais brasileiras: repercussões na subjetividade. *Educação em Revista* (UFMG), 32, 97-117.
- Ruza, F. (2017). *Trabalho e subjetividade do professor da pós-graduação da UNESP: o sentido do trabalho e as relações entre sofrimento e prazer* [Tese de Doutorado em Educação]. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, Brasil.
- Sacramento, L. F. (2019). *A universidade mercantil: um estudo sobre a universidade pública e o capital privado*. Appris.
- Sampaio, P. P., Catrib, A. M. F., & Caldas, J. M. P. (2019). *Ser (in)feliz na universidade: produtivismo, sofrimento e prazer na pós-graduação*. EdUECE.
- Santana, A. C. M. (2018). A constituição do Estado Avaliativo e o aumento das avaliações externas: propagando um ensino desigual para todos. In J. C. Rothen & A. Santana (orgs.), *Avaliação da educação: referências para uma primeira conversa* (pp. 59-72). EdUFSCar.
- Santos, M. J. G. (2022). *Atividade acadêmica enquanto trabalho: processos dos estudantes da optativa prazer e sofrimento na universidade (Turma A)* [Trabalho de Conclusão de Curso]. Universidade Federal do Tocantins, Tocantins.
- Schwartz, Y. (2011). Conceituando o trabalho, o visível e o invisível. *Trabalho, Educação e Saúde*, 9 (supl.1), 19-45.
- Schwartz, Y., Adriano, R., & Abderrahmane, F. (2008). Revisitar a actividade humana para colocar as questões do desenvolvimento: projecto de uma sinergia franco-lusófona. In *Revista Laboreal*, 4(1), p.10-22.
- Sguissardi, V., & Silva Júnior, J. R. (2009). *Trabalho intensificado nas federais: pós-graduação e produtivismo acadêmico*. Xamã.
- Silva, E. P. (2020). Trabalho e subjetividade na universidade: por uma visão global e multifacetada dos processos de sofrimento e adoecimento. *Archivos Analíticos de Políticas Educativas*, 28(1), 1-30.

- Silva, E. P., Leite, A. P. T., & Reis, A. C. (2020). O sofrimento do universitário e suas relações com a dinâmica universitária. *Farol - Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 7(18), p.37-75.
- Silva, E. P., & Ruza, F. M. (2018). Malversação do reconhecimento no trabalho docente precarizado e intensificado. *Trabalho (En)Cena*, 3(2), 03-16.
- Silva, J. V. (2019). “*Estudar, para um pós-graduando stricto sensu, é o trabalho!*” [Dissertação de Mestrado em Comunicação e Sociedade]. Universidade Federal do Tocantins, Tocantins.
- Silva, J. V., Ghizoni, L. D. & Cecchin, H. F. G. (2022). O trabalho invisível: prazer e sofrimento na produção científica stricto sensu. *Revista Psicologia: Organizações e Trabalho*, 22(1), 1911-1919.
- Silva, J. V., Ghizoni, L. D. & Lage, L. R. (2021). O reconhecimento do estudante de pós-graduação como trabalhador: vulnerabilidades, desrespeitos e a busca pela realização pessoal. In: P. Jácome, L. Vidigal, E. Chagas Junior, & G. Porto. (Org.), *Narrativas midiáticas, experiências e pesquisas amazônicas*. (pp. 229-246). 1(1). Selo PPGCOM/UFGM.
- Silva, R. V. S., Deusdedit-Júnior, M. & Batista, M. A. (2015). A relação entre reconhecimento, trabalho e saúde sob o olhar da Psicodinâmica do Trabalho e da Clínica da Atividade: debates em psicologia do trabalho. *Revista Interinstitucional de Psicologia*, 8(2), 415-427.
- Silva Júnior, J. R. (2017). *The new brazilian university: a busca por resultados comercializáveis, para quem?* Canal 6.

Informações sobre os autores

Ana Carolina Reis

Endereço institucional: Rod. Washington Luís, s/n - Monjolinho, São Carlos - SP, 13565-905

E-mail: psi.anareis@gmail.com

Eduardo Pinto e Silva

E-mail: dups02@gmail.com

Contribuição dos Autores	
Autor 1	Investigação; Escrita; Conceituação; Análise Formal; Revisão Final; Edição.
Autor 2	Orientação da Investigação; Escrita; Conceituação; Análise Formal; Revisão da Redação.